

**As obras da
FUVEST - UNICAMP**

6

Sentimento do Mundo



**CARLOS DRUMMOND
DE ANDRADE**

SENTIMENTO DO MUNDO



Carlos Drummond de Andrade
(1902-1987)

1. BREVE BIOGRAFIA

- 1902 – Carlos Drummond de Andrade nasce em 31 de outubro, em Itabira do Mato Dentro, Minas Gerais.
- 1918 – Torna-se aluno interno do Colégio Anchieta da Companhia de Jesus, em Nova Friburgo, onde seu talento literário é reconhecido. Seu poema em prosa “Onda” é publicado no jornal *Maio*.
- 1919 – Expulso do Colégio Anchieta. Alegação: “insubordinação mental”.
- 1920 – Transfere-se com a família para Belo Horizonte.
- 1921 – Publicação de seus primeiros trabalhos no *Diário de Minas*.
- 1923 – Começa o curso de Farmácia na Escola de Odontologia e Farmácia de Belo Horizonte.
- 1924 – Conhece os modernistas Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral e Mário de Andrade. Começa a se corresponder com Manuel Bandeira.
- 1925 – Casa-se com Dolores Dutra de Moraes. Forma-se em Farmácia, mas não exerce a profissão.
- 1928 – Nasce Maria Julieta, filha que se tornará grande companheira do poeta. Neste mesmo ano publica “No meio do caminho” na *Revista de Antropofagia*.
- 1930 – Estreia em livro com *Alguma Poesia*.
- 1934 – Publica *Brejo das Almas*. Muda-se para o Rio de Janeiro, onde trabalha como chefe de gabinete do Ministro da Educação, seu amigo Gustavo Capanema.
- 1945 – Publica *A Rosa do Povo*.
- 1951 – Publica *Claro Enigma*.
- 1962 – Publica *Antologia Poética*. Aposenta-se no serviço público.
- 1974 – Recebe o Prêmio de Poesia da Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA).
- 1983 – Declina do troféu Juca Pato.
- 1987 – Homenageado pela Estação Primeira de Mangueira com o samba enredo “No reino das palavras”, com o qual a escola vence o carnaval carioca. Em 5 de agosto morre sua filha. Em 17 do mesmo mês, como se não resistisse à ausência dela, morre de problemas do coração.

2. SENTIMENTO DO MUNDO: CARACTERÍSTICAS GERAIS.

Apesar de ser costumeiramente rotulado como poeta do Segundo Tempo Modernista (1930 a 1945), Carlos Drummond de Andrade estreou em livro com *Alguma Poesia* (1930), obra carregada da iconoclastia que dominou o Primeiro Tempo Modernista (1922 a 1930). Encontramos nos poemas dessa publicação a busca de uma identidade nacional, vista na valorização da cultura popular e do português coloquial do Brasil. Esse espírito, que se opôs à tradição literária vigente e ao apego ao purismo da gramática normativa, permite uma postura irreverente reforçada pela utilização do poema-piada, que colocou o humor em primeiro plano no campo estético. Todas essas características vão-se unir às técnicas das vanguardas europeias, principalmente o cubismo e o futurismo, como podemos notar em boa medida no “Poema de Sete Faces”, que abre justamente a obra em questão:

*Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! ser gauche na vida.*

*As casas espiam os homens
que correm atrás das mulheres.
A tarde talvez fosse azul,
não houvesse tantos desejos.*

*O bonde passa cheio de pernas:
pernas brancas pretas amarelas.
Para que tanta perna, meu Deus, pergunta meu
coração.
Porém meus olhos
não perguntam nada.*

*O homem atrás do bigode
é sério, simples e forte.
Quase não conversa.
Tem poucos, raros amigos
o homem atrás dos óculos e do bigode.*

*Meu Deus, por que me abandonaste
se sabias que eu não era Deus
se sabias que eu era fraco.*

*Mundo mundo vasto mundo,
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo,
mais vasto é meu coração.*

*Eu não devia te dizer
mas essa lua
mas esse conhaque
botam a gente comovido como o diabo.*

Nesse texto há a constante utilização de cortes bruscos, principalmente pela desconexão entre as sete estrofes, pois nenhuma delas continua o assunto da outra. Ocorre também o tom de coloquialidade em expressões como “botam a gente comovido como o diabo” e o desrespeito à norma culta na ausência de vírgulas na enumeração do verso 9 (“pernas brancas pretas amarelas”). Existe ainda o *nonsense* na estrofe 6, que também constitui uma crítica ao Parnasianismo, consagrado por certa obsessão pela rima. Vê-se, além disso, uma intertextualidade, tornada engraçada, com Tomás Antônio Gonzaga (1744-1810), que em *Liras de Marília de Dirceu* (1792) afirmava:

*Eu tenho um coração maior que o mundo,
tu, formosa Marília, bem o sabes:
um coração, e basta,
onde tu mesma cabes.*

Por fim, na última estrofe há a subversão bem humorada do convencionalismo poético ao se creditar a inspiração poética à bebida alcoólica.

Em suma, Drummond anunciava no primeiro poema de *Alguma Poesia* sua filiação à fase heroica do Modernismo Brasileiro, o que iria continuar se manifestando no próximo livro, *Brejo das Almas* (1934).

A partir de *Sentimento do Mundo* (1940) começam a ocorrer mudanças no estilo do grande poeta mineiro. O texto a seguir, que inicia a obra do qual é homônimo, é bastante exemplar para se vislumbrar algumas das alterações que marcarão o livro:

*Tenho apenas duas mãos
e o sentimento do mundo,
mas estou cheio de escravos,
minhas lembranças escorrem
e o corpo transige
na confluência do amor.*

*Quando me levantar, o céu
estará morto e saqueado,
eu mesmo estarei morto,
morto meu desejo, morto
o pântano sem acordes.*

*Os camaradas não disseram
que havia uma guerra
e era necessário
trazer fogo e alimento.
Sinto-me disperso,
anterior a fronteiras,
humildemente vos peço
que me perdoeis.*

*Quando os corpos passarem,
eu ficarei sozinho
desfiando a recordação
do sineiro, da viúva e do microscopista
que habitavam a barraca
e não foram encontrados
ao amanhecer*

*esse amanhecer
mais noite que a noite.*

Já de início se nota que Drummond não utiliza mais os cortes bruscos, tão ao gosto do radicalismo modernista. Os versos apresentam uma fluência que se aproxima da retórica convencional, reforçada pelo tom grave e solene em que são enunciados. Além disso, uma novidade chama a atenção: não há mais a postura egocêntrica, quase solipsista de suas duas primeiras obras. Agora já se nota um poeta dotado do “sentimento do mundo”, expressão cuja ambiguidade revela não só a capacidade de prestar atenção às emoções que assolam o seu meio, mas também a de ser tocado por elas. É o poeta que se mostra um eu com os outros, deixando de ser individualista, mas sem perder a sua individualidade. A prova dessa abertura lírica para o mundo é, entre tantos outros trechos, a penúltima estrofe: “eu ficarei sozinho / desfiando a recordação / do sineiro, da viúva e do microscopista”.

Toda essa postura garante ao autor uma visão crítica valiosa, eficaz ao captar a morte dos grandes ideais (estrofe 2), massacrados por uma época marcada pela guerra (estrofe 3) e pelos regimes totalitaristas. Entretanto, essa abordagem não se mostra simplista, caindo no apego às utopias ou aos niilismos de toda ordem. Ao contrário, assumirá uma atitude que curiosamente também será vista em outro grande poema do livro, “Mãos dadas”: “Não serei o poeta de um mundo caduco. / Também não cantarei o mundo futuro”. O eu poemático, ao mesmo tempo em que enxerga os problemas de seu universo (em “Mãos dadas”, mais uma vez ele reforçará essa ideia: “O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes, / a vida presente”), faz uma análise aguda e desencantada da qual não se isenta. É por isso que reforça já no primeiro verso de “Sentimento do Mundo” sua precariedade (“Tenho apenas duas mãos”) e chega a pedir desculpas, como se nota na estrofe 3 (“humildemente vos peço / que me perdoeis”). Mostra-se, portanto, uma voz cheia de inquietações, pois quer partir para uma luta (que de antemão já pressente como praticamente inútil) contra um estado de coisas do qual ele de certa forma também se sente responsável.

Diante desse quadro, é natural que tenha desaparecido o tom humorístico dos primeiros livros, que é substituído por uma maneira até irônica, mas principalmente amarga

ou desencantada de encarar a realidade. É o que se vê em outros grandes poemas de *Sentimento do Mundo*, como “Elegia 1938”:

*Trabalhas sem alegria para um mundo caduco,
onde as formas e as ações não encerram nenhum exemplo.
Praticas laboriosamente os gestos universais,
sentes calor e frio, falta de dinheiro, fome e desejo sexual.*

(...)

*Coração orgulhoso, tens pressa de confessar tua derrota
e adiar para outro século a felicidade coletiva.
Aceitas a chuva, a guerra, o desemprego e a injusta
[distribuição
porque não podes, sozinho, dinamitar a ilha de
[Manhattan.*

Ou então “Os ombros suportam o mundo”:

*Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus.
Tempo de absoluta depuração.
Tempo em que não se diz mais: meu amor.
Porque o amor resultou inútil.*

(...)

*As guerras, as fomes, as discussões dentro dos edifícios
provam apenas que a vida prossegue
e nem todos se libertaram ainda.
Alguns, achando bárbaro o espetáculo,
Prefeririam (os delicados) morrer.
Chegou um tempo em que não adianta morrer.
Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.
A vida apenas, sem mistificação.*

Esse aspecto pesado é atenuado pela beleza da penúltima estrofe de “Sentimento do mundo”, na qual se expressa o ideal do poeta como a voz das vítimas dos tempos sombrios (o sineiro, a viúva e o microscopista), eternizando a agonia deles em sua obra. Ainda assim, o amanhecer anunciado no trecho pode ser visto como sinal de esperança em meio à noite em que se encontra o poeta e o seu mundo, a mesma que se vê em “A noite dissolve os homens”, outro belo momento de *Sentimento do Mundo*. Mas como o enunciador qualifica essa alvorada como um “amanhecer / mais noite que a noite”, pode-se entender que se trata de uma esperança realista, amarga, desapegada das utopias ingênuas, quixotescas e afoitas. Uma atitude muito superior à de boa parte dos demais artistas de sua geração, o que garante ao poeta e à sua obra um lugar de destaque no quadro da literatura brasileira.

3. EXERCÍCIOS

Texto para as questões de 1 a 3.

*Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos, mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme a realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.*

*Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,
não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista
[da janela,
não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,
não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.*

*O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os
homens presentes, a vida presente.*

1. O texto acima é trecho de “Mãos Dadas”, poema que integra o livro *Sentimento do Mundo*, de Carlos Drummond de Andrade, um dos maiores nomes do Modernismo Brasileiro. É muito comum a associação dessa escola literária à preocupação com a construção de poemas de cortes bruscos entre orações e estrofes e linguagem irônica. Tais características podem ser vistas no excerto apresentado?

RESOLUÇÃO

Em “Mãos Dadas” não existem cortes bruscos nos versos e orações, muito menos uma postura irônica. Ao contrário, há no poema linguagem grave e versos mais extensos e fluentes, sem as rupturas bruscas típicas da iconoclastia modernista.

2. (FUVEST – Adaptada) O que se entende por mundo caduco?

RESOLUÇÃO

Nesse poema, “mundo caduco” refere-se ao passado, a valores ultrapassados, que já não estão de acordo com as aspirações sociais do momento.

3. Como se define o tipo de poesia que o eu lírico diz rejeitar?

RESOLUÇÃO

O eu poemática recusa a poesia escapista, ou seja, que foge do tempo presente e dos seus problemas.

Texto para a questão 4.

*Tenho apenas duas mãos
o sentimento do mundo,
mas estou cheio de escravos,
minhas lembranças escorrem
e o corpo transige
na confiança do amor.*

4. Da leitura do texto acima, trecho de “Sentimento do mundo”, de Carlos Drummond de Andrade, só não está presente a alusão à
- precariedade do indivíduo.
 - sensibilidade ao sofrimento coletivo.
 - consciência social.
 - presença do passado.
 - busca da religiosidade.

RESOLUÇÃO

Não há no trecho alusão a religiosidade. A precariedade do indivíduo é aludida no primeiro verso; a sensibilidade ao sofrimento coletivo, no segundo; a consciência social, no terceiro (por meio da palavra “escravo”); a presença do passado, no quarto.

Resposta: E

Texto para as questões de 5 a 7.

*É preciso casar João,
é preciso suportar Antônio,
é preciso odiar Melquíades,
é preciso substituir nós todos.*

*É preciso salvar o país,
é preciso crer em Deus,
é preciso pagar as dívidas,
é preciso comprar um rádio,
é preciso esquecer fulana.*

*É preciso estudar volupaque,
é preciso estar sempre bêbedo,
é preciso ler Baudelaire,
é preciso colher as flores
de que rezam velhos autores.*

*É preciso viver com os homens,
é preciso não assassiná-los,
é preciso ter mãos pálidas
e anunciar O FIM DO MUNDO.*

5. No texto acima, “Poema da necessidade”, a figura de linguagem usada de forma intensa no poema é a
- hipérbole: expressão exagerada de uma ideia.
 - prosopopeia: atribuição de qualidades humanas a seres inanimados.
 - anáfora: repetição enfática de um termo ou expressão no início de frases.
 - síntese: inversão brusca dos termos da oração capaz de dificultar sua compreensão.
 - paronomásia: trocadilho, trabalho entre palavras de som parecido.

RESOLUÇÃO

Há anáfora na repetição de “É preciso” no início de quase todos os versos (a única exceção é o último).

Resposta: C

6. A utilização da figura de linguagem apontada na questão anterior serve para
- ênfaticamente a defesa do poeta quanto às obrigações listadas.
 - indicar a ligação afetiva do eu lírico às necessidades apresentadas.
 - expressar o caráter enfadonho que as obrigações do cotidiano impõem à vida.
 - dificultar a leitura do poema, constituindo uma paródia ao estilo de Baudelaire.
 - garantir maior sonoridade ao verso, aumentando, portanto, sua poeticidade.

RESOLUÇÃO

A anáfora, intensamente utilizada no poema, cria um tom de ladainha, o que serve para sugerir “o caráter enfadonho que as obrigações do cotidiano impõem à vida”.

Resposta: C

7. Do poema acima, só **não** se pode afirmar que
- contém obrigações impostas pelo círculo social mais próximo (família, amigos, conhecidos).
 - estão presentes necessidades exigidas pela vida social em seu contexto mais amplo (nação, religião, moral, consumo).
 - há na terceira estrofe referência a obrigações existenciais ligadas à cultura.
 - existe a defesa do apego à vida materialista para superar as necessidades físicas humanas.
 - a última estrofe expressa de maneira humorística a exigência de coexistência e tolerância.

RESOLUÇÃO

O poema chega a mencionar a necessidade de posse de bens materiais (“é preciso comprar um rádio”), mas tal não é suficiente para que se afirme que haja um apego ao materialismo.

Resposta: D

Texto para a questão 8.

8. Da leitura do poema acima, “Inocentes do Leblon”, retirado de *Sentimento do Mundo*, de Carlos Drummond de Andrade, **não** se pode afirmar que
- a) há adesão aos ideais socialistas.
 - b) a referência a inocência é uma ironia à alienação dos que o poeta considera abastados.
 - c) as ações dos “inocentes do Leblon” opõem-se ao ideal de preocupação com o “sentimento do mundo”.
 - d) os “inocentes do Leblon” são os desfrutadores ociosos que se dedicam aos seus prazeres.
 - e) há uma crítica à atitude de indiferença individualista em relação aos problemas da coletividade.

RESOLUÇÃO

Não há referência aos ideais socialistas, mas uma crítica às diferenças sociais e à alienação ou indiferença da classe alta em relação aos problemas da coletividade.

Resposta: A